

3 de agosto de 2023

Jornada Mundial da Juventude
«Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1,39)

Encontro "Rise Up"
Contributo de Jesús Morán, Co-Presidente do Movimento dos Focolares

ESPERIÊNCIA DE DIÁLOGO NO CHILE

Em outubro de 1988, o povo chileno disse "NÃO" a Augusto Pinochet e iniciou o caminho de regresso à democracia. Apesar de o "NÃO" ter nitidamente vencido, o plebiscito foi muito contestado, porque a sociedade chilena estava dividida ao meio.

Nessa altura, trabalhava como consultor da pastoral universitária na Pontifícia Universidade Católica do Chile, em Santiago, a capital. A universidade era um microcosmo da sociedade chilena e refletia as mesmas divisões. Com um grupo de jovens do Movimento dos Focolares e outros estudantes empenhados na pastoral, decidimos que era preciso fazer alguma coisa para ultrapassar as divergências radicais, fazer alguma coisa em prol da unidade, do encontro e do diálogo. Numa ocasião, já tínhamos formado um cordão para separar dois grupos que, ao mesmo tempo e no mesmo local - o pátio central do *campus* humanista, onde eu tinha o meu gabinete - tinham convocado uma reunião para promover as suas posições. Fomos agredidos, cuspiram-nos, mas acabámos por ajudar a evitar mais violência que terão sido desastrosas.

A ideia surgiu espontaneamente: para ultrapassar qualquer conflito, as pessoas devem conhecer-se profundamente. Assim, planeámos uma série de reuniões para as quais convidámos alunos que sabíamos terem posições opostas. O objetivo não era decidir nada, nem orientar a votação numa determinada direção. Não queríamos um debate, mas apenas uma comunhão. Era essa a lógica. No início das reuniões, explicámos estas premissas e de seguida demos a palavra. Cada um podia dizer em que direção votaria e as razões existenciais subjacentes. Não foi fácil, a tentação de discutir ideias era muito forte, mas convidámos os presentes a manterem-se na base do que tinha sido acordado.

Lembro-me de uma sessão em que falaram o filho de um militar ameaçado e o filho de um "desaparecido". O ambiente que se criou foi extraordinário. Estávamos numa sala sobrelotada e não se ouvia uma mosca. Estes dois estudantes representavam os dois extremos da sociedade chilena daquela altura. Não houve comentários. Parecia-me que estes extremos se tocavam pela primeira vez. É certo que o voto de cada um seria diferente, mas agora cada um

compreendia as razões do outro e esta era a única esperança para a nova fase que iria certamente começar no País. No final da reunião, uma rapariga dirigente da Pastoral quis levar-me a casa no seu carro. Pertencia a uma família rica e de direita. Estava muito confusa porque tinha decidido votar "Não", contra o parecer de toda a sua gente, que a censurava. Perguntou-me se, como cristã, estaria a fazer a coisa certa. Disse-lhe que não iria responder a essa pergunta: ela tinha de decidir com a sua consciência. E que ela deveria ficar tranquila, sem descer da cruz. Esta é, de facto, a escolha do cristão.

Depois do plebiscito, com os jovens que tinham participado na iniciativa, decidimos prosseguir com a ideia e criámos o "Centro de Encontro para o Diálogo", uma plataforma que durou vários anos e que manteve essencialmente os mesmos objetivos, mesmo se desta vez estivesse aberta ao debate de ideias, sempre num ambiente de diálogo.